



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PAU DOS FERROS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS
CURSO DE LETRAS LÍNGUA ESPANHOLA**

FRANCISCA ROSANA PEREIRA DA SILVA

**ANÁLISE LITERÁRIA DO CONTO “A CARNE” DE VIRGILIO PIÑERA: UM
ESTUDO SOBRE A MORTE E A CONSTRUÇÃO DO EU**

PAU DOS FERROS

2023

FRANCISCA ROSANA PEREIRA DA SILVA

**ANÁLISE LITERÁRIA DO CONTO “A CARNE” DE VIRGILIO PIÑERA: UM
ESTUDO SOBRE A MORTE E A CONSTRUÇÃO DO EU**

Monografia apresentada ao curso de Letras com habilitação em Língua Espanhola, do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como pré-requisito para a obtenção do título de graduada em Letras/Língua Espanhola.

Orientadora: Profa. Ma. Orfa Noemi Gamboa Padilla

Co-orientador: Dr. José Dantas da Silva Júnior

PAU DOS FERROS

2023

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

P436a Pereira da Silva, Francisca Rosana
ANÁLISE LITERÁRIA DO CONTO "A CARNE" DE
VIRGILIO PIÑERA: UM ESTUDO SOBRE A MORTE E A
CONSTRUÇÃO DO EU. / Francisca Rosana Pereira da
Silva. - Pau dos Ferros, 2023.
47p.

Orientador(a): Profa. M^a. Orfa Noemi Gamboa Padilla.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Espanhola e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. morte. 2. Eu. 3. A carne. 4. Virgilio Piñera. I.
Gamboa Padilla, Orfa Noemi. II. Universidade do Estado
do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

FRANCISCA ROSANA PEREIRA DA SILVA

**ANÁLISE LITERÁRIA DO CONTO “A CARNE” DE VIRGILIO PIÑERA: UM
ESTUDO SOBRE A MORTE E A CONSTRUÇÃO DO EU**

Monografia apresentada ao curso de Letras com habilitação em Língua Espanhola, do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como pré-requisito para a obtenção do título de graduada em Letras/Língua Espanhola.

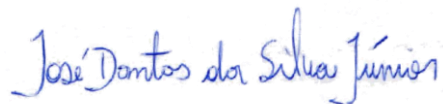
Aprovada em: 25/08/2023.

Banca examinadora



Prof. Ma. Orfa Noemi Gamboa Padilla (Orientadora)

Universidade do Estado do Rio grande do Norte – UERN



Prof. Dr. José Dantas da Silva Júnior (Co-orientador-1º Examinador)

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB



Prof. Dr. Francisco Lindenilson Lopes (2º Examinador)

Universidade do Estado do Rio grande do Norte – UERN

Aos meus pais, José Pereira e Maria Núbia por
todo esforço e exemplo de vida. A minha avó
por todo incentivo o qual me trouxe até aqui.

AGRADECIMENTOS

Faço deste espaço de agradecimentos um lugar para os devidos tributos àqueles e àquelas que de alguma forma contribuíram para que esse sonho fosse realizado.

A Deus, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os medos e obstáculos ao longo dessa trajetória. E com todo seu poder e bondade me tornou capaz de alcançar a realização desse sonho.

Agradeço a minha mãe, Núbia, heroína que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço, quando tudo parecia não ter solução e o choro escorria no rosto, me deu forças para prosseguir.

Ao meu pai, José, pelo exemplo de vida, por todos os esforços feitos durante essa trajetória.

A minha avó, pelo incentivo, por todas as ajudas, como também a minha madrinha Adriana Fernandes, que sempre esteve disposta a me ajudar.

A Stefano Macena, que esteve comigo durante toda essa trajetória, obrigada por todo apoio e incentivo.

A minha orientadora, a Profa. Ma. Orfa Noemi Gamboa Padilla, que contribuiu muito durante minha vida acadêmica, agradeço a amizade, como também por todos os ensinamentos e paciência.

Ao meu professor, Dr. José Dantas da Silva Júnior, por toda contribuição durante a escrita deste trabalho, por disponibilizar todo seu tempo, paciência e orientações.

Aos meus colegas de curso, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como profissional.

Agradeço a meu amigo e irmão de coração, Cosmo Freitas que nunca mediu esforços para me ajudar a chegar até aqui.

“Escrever tem sido uma verdadeira tortura”

Virgilio Piñera

RESUMO

A morte faz parte do processo de desenvolvimento humano, todos os que surgem com vida nesta terra tendem a enfrentá-la, mesmo assim, ela se torna incompreensível para os seres humanos. A construção do Eu, igual à morte, também é um elemento único que cada um porta dentro de si mesmo, o que muitas das vezes ocasiona muitas discussões e conflitos. Perante isto esse estudo objetiva-se analisar o conto “A carne” do escritor Virgilio Piñera com base nas discussões da morte e do Eu, bem como apresentar a vida e obra do escritor Virgilio Piñera, discutir as teorias da morte com base em Bauman e do Eu com base em Freud e por fim refletir sobre o comportamento das personagens dentro da obra. Desse modo, esta investigação utiliza como pressupostos teóricos autores que tratam sobre morte como: Bauman (2008); Becker (1973); Freud (2009) e Morin (1970). Já sobre o Eu, a base teórica utilizada foi Freud (1923-1925). Esta pesquisa é de cunho bibliográfico e analítico, sua base metodológica é a pesquisa qualitativa e sua metodologia é de natureza básica. Portanto, verificou-se que através da análise do conto “A carne” as perspectivas da morte e do Eu foram assuntos relevantes para a construção da sociedade representada no conto, pois são temas que é possível verificar na sociedade atual.

Palavras-chave: morte; Eu; A carne; Virgilio Piñera.

RESUMEN

La muerte es parte del proceso de desarrollo humano, todo aquel que nace en esta tierra tiende a enfrentarla, aun así, se vuelve incomprensible para el ser humano. La construcción del Yo, como la muerte, es también un elemento único que cada uno lleva dentro de sí, lo que muchas veces provoca muchas discusiones y conflictos. Frente a eso, este estudio tiene como objetivo analizar el cuento “A carne” del escritor Virgilio Piñera a partir de las discusiones sobre la muerte y el Yo, así como presentar la vida y obra del escritor Virgilio Piñera, para discutir la teorías de la muerte basadas en Bauman y del Yo basadas en Freud y finalmente reflexionar sobre el comportamiento de los personajes dentro de la obra. Así, esta investigación utiliza autores que tratan la muerte como presupuestos teóricos como: Bauman (2008); Becker (1973); Freud (2009) y Morin (1970). En cuanto al Yo, la base teórica utilizada fue la de Freud (1923-1925). Esta investigación es de carácter bibliográfico y analítico, su base metodológica es la investigación cualitativa y su metodología es de carácter básico. Por tanto, se constató que a través del análisis del cuento “A carne” las perspectivas de la muerte y del Yo fueron temas relevantes para la construcción de la sociedad representada en el cuento, por ser temas que es posible verificar en la sociedad de hoy.

Palabras clave: muerte; Yo; La carne; Virgilio Piñera.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	4
2 A CONFIGURAÇÃO DA MORTE E DO EU: REFLEXÕES TEÓRICAS	7
2.1 O medo da morte	7
2.2 O Eu: a consciência e o inconsciente	10
3 METODOLOGIA	14
4 BREVE RELATO DA VIDA E OBRAS DO CUBANO VIRGILIO PIÑERA	15
5 “CADA PESSOA CORTARIA DA PRÓPRIA NÁDEGA ESQUERDA DOIS FILÉS”: A CARNE.....	19
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS	39

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa tem como objetivo a análise do conto “A carne” do escritor Virgilio Piñera, com base nas discussões do “Eu” e da “morte”. Deste modo, a nossa perspectiva não é discutir puramente as abordagens teóricas, mas tentar debater as relações dos estudos sobre o tema e a sua verticalidade com o texto literário.

O medo da morte, persegue a sociedade desde os tempos passados, mas se tornou muito mais frequente na sociedade atual. Assim como o nascimento, a morte também faz parte do processo de vida humana, portanto, é algo natural, apenas um fenômeno da biologia, mesmo assim, como bem menciona Becker (1973) em seu livro *A negação da morte*, de todas as coisas que movem o mundo, a mais forte e dominante é o medo que temos de morrer.

A morte, faz parte do processo de desenvolvimento humano e está presente em nosso cotidiano, sendo uma sensação inata que temos conhecimento desde pequenos, mesmo tendo consciência que todos os que nascem, irão morrer, a morte se torna incompreensível para os seres vivos, lutamos diariamente contra isso, buscando justificativas, razões e muitas das vezes causas, mas raramente aceitamos como sentença da vida.

Outro ponto central da pesquisa, é sobre a construção e identificação do Eu. Todos nós construímos nosso próprio Eu a partir de uma escolha, uma atitude e sobretudo das influências externas. O Eu é um conjunto de experiências, características, qualidades e aspectos que formam o homem, seria assim, nossa representação como ser humano, perante uma sociedade. Na verdade, não existe uma definição específica para compreender a formação desse Eu, como afirma Freud (1923-1925), o Eu é inconsciente no verdadeiro sentido da palavra, sendo assim, o Eu é muito mais de que um elemento intrínseco ao ser humano, é o que lhe define quem ele é, esse místico de coisas.

É válido destacar, que os pontos abordados na obra; a morte e a construção do Eu, são de total relevância, tendo em vista que em nossas pesquisas, foi contestado que existem estudos desenvolvidos neste mesmo âmbito, mas, não usando o conto já mencionado, fazendo com que este estudo tenha caráter contributivo para investigações futuras.

Além do mais, referente a temática da nossa pesquisa, foram consultados os seguintes trabalhos que também tem como *corpus* o conto “A carne”, a saber: a tese de doutorado de Barretos (1993), com o título *O dito interdito de Virgilio Piñera*, uma vez que Barretos (1993), analisa as obras de Virgilio Piñera, entre elas o conto “A carne”, na perspectiva de buscar entender o dito interdito de Virgilio Piñera em algumas obras do escritor.

O trabalho de Morante (2014), tendo como título: *La decadencia espiritual ante lo carnaval en la carne, de Virgilio Piñera*, que analisa o conto sobre a perspectiva da tradição judaico-cristã, fazendo uma leitura do texto com um conflito entre o carnal e o espiritual.

Temos também o trabalho de Miranda (2016), com o título: *O Conto Fantástico Latinoamericano do Século XX no âmbito do espanhol como língua estrangeira/adicional: teoria e prática*, uma vez que o trabalho usa o conto “A carne” para a realização de uma proposta de atividade criada na tese, em um tópico descrito como: Em mares fantásticos (nível intermediário).

E por fim, a tradução do conto “A carne”, em um livro de Barretos (1989) onde a escritora faz a tradução de todos os contos do livro nomeado como *Cuentos Frios*, dentre eles o conto “A carne” o qual é o *corpus* deste trabalho, ademais, de fazer a tradução, Barretos (1989) comenta brevemente o conto “A carne”.

O estudo em questão tem como objetivo geral a análise do conto “A carne” do escritor Virgilio Piñera, com base nas discussões da “morte” e do “Eu”. Além do nosso objetivo geral, temos como específicos a apresentação da vida e obra do escritor Virgilio Piñera; a discussão sobre as teorias da morte, com base em Bauman, e do Eu, com base em Freud. Por fim, refletiremos acerca do comportamento das personagens no texto elencado para a realização da pesquisa.

Através do conto “A carne”, podemos discutir temáticas que abordam assuntos relevantes como o medo da morte e da construção do Eu. Portanto, nossa pesquisa surge como nova na área investigada. Quanto a sua metodologia, é de natureza básica, tendo como objetivo aumentar o conhecimento científico, sem necessariamente aplicá-lo a resolução de um problema. Sua base metodológica é a pesquisa qualitativa, em que seu método é a pesquisa bibliográfica e analítica.

Esta pesquisa tem como suporte teórico, os estudos de Bauman (2008) com o livro *Pavor da morte*, se respaldando também em Becker (1973) com sua obra *A negação da morte*; Morin (1970) *O homem e a morte* e Freud (2009) *Escritos sobre morte e guerra*, esses autores utilizados referenciam as discussões sobre a morte. Já sobre a construção do Eu, damos um enfoque maior nos estudos de Freud (1923-1925) em seu livro “O *EU* e o *ID*”, foi recorrido também, ao livro de Cury (2011) com *A fascinante construção do Eu*.

Diante do exposto, esta pesquisa se organiza da seguinte forma: no primeiro capítulo, o referencial teórico, em que trazemos estudos sobre o tema. No segundo capítulo, realizamos as discussões sobre a biografia de Virgilio Piñera, abordamos seus principais trabalhos, e seu estilo

enquanto escritor, além de contextualizarmos o período em que foi escrito o conto “A carne”. Por último, no terceiro capítulo é apresentada a análise da obra e as nossas considerações finais.

2 A CONFIGURAÇÃO DA MORTE E DO EU: REFLEXÕES TEÓRICAS

Neste tópico, discutimos sobre a base teórica que compõe esta pesquisa. Deste modo, essa seção se apresenta dividida em dois tópicos: no primeiro, o medo da morte e no segundo, o Eu: a consciência e o inconsciente.

2.1 O medo da morte

A temática sobre o medo da morte vem desde os princípios sendo muito discutida e debatida entre a psicanálise e a filosofia. O medo da morte, o pavor do luto é motivo de muitas discussões e opiniões, onde a maioria das pessoas se negam a falar sobre a sociedade busca fugir há muito tempo, desnaturalizando a morte, isolando, não falando sobre, não buscando pensar e estudar a respeito, e só quando ela aparece nos surpreendemos, como bem cita (Becker, 1973, p. 2), em seu livro *A negação da morte*, “De todas as coisas que movem o ser humano, a mais forte e determinante é o medo da morte”.

Mesmo sabendo que a morte é uma lei natural, que todos que habitam esse lugar estão sujeitos a enfrentá-la, e que ela é o limite entre a nossa vivência aqui na terra e o desconhecido, e mesmo vivendo em uma sociedade, onde uma das possíveis certezas que temos desde o nosso nascimento é que o nosso futuro será a morte, mesmo possuindo desde tão cedo essa certeza ainda estamos diariamente sofrendo e lutando contra isso, temendo a dissolução final, sempre buscando entender a morte como algo que existe além dela, tentamos dá um sentido, Como aponta Morin (1970, p. 1) em seu livro, *O homem e a morte*, estudar a morte é essencial, é indispensável para o ser humano, é onde muitos acreditam que seja o final de tudo, para outros é apenas o começo, é nesta fase como descreve Morin (1970, p. 1), que se revelamos:

A morte situa-se exatamente na charneira bi antropológica. É o traço mais humano, mais cultural, do 'anthoropos'... É impossível conhecer o homem sem lhe estudar a morte, porque, talvez mais do que na vida, é na morte que o homem se revela. É nas atitudes e crenças perante a morte que o homem exprime o que a vida tem de mais fundamental.

Mesmo sendo o traço mais humano, a sentença final da vida, muitos tentam fugir dessa fase, apesar de ser na morte como menciona Morin (1970) que conseguimos entender o homem, nunca falamos dela como algo positivo. “Irreparável...Irremediável...Irreversível...Impossível de cancelar ou de curar... o ponto sem retorno... o final... o derradeiro... o fim de tudo”, como cita Bauman (2008, p. 47), todas essas definições são direcionadas a um único evento a qual se

denomina morte, com essas palavras conseguimos resumir e entender que a morte é a única certeza da vida, e que nada pode substituir ou impedi-la, por mais que tentamos evitar, uma hora ou outra vamos nos deparar frente a frente com ela.

Ainda para complementar essa ideia, Freud (2009, p. 21) fala sobre como devemos receber a morte “[...]estaríamos naturalmente dispostos a afirmar que a morte era o desenlace necessário de toda a vida, que cada um de nós estava em dívida de morte para com a Natureza e deveria estar preparado para pagar tal dívida, em suma, que a morte era natural, indiscutível e inevitável”, mas geralmente se portamos de modo diferente, tentamos nos livrar dela, até mesmo silenciá-la, todo esse trauma move o ser humano, lhe motiva a lutar, a sobreviver, é um místico de sensações.

Como explica Morin (1970, p. 34) “O horror da morte, é, portanto, a emoção, o sentimento ou a consciência da perda da individualidade. Emoção-choque, de dor, de terror, de uma catástrofe, isto é, sentimento traumático. Consciência, enfim, de um vazio, de um vácuo, que se cava onde havia plenitude individual, isto é, consciência traumática”.

Todo esse medo da morte, essa pulsão, é uma sensação inata do ser humano que trazemos conosco desde o início da vida, e esse sentimento pode estar ligado a um ato de achar que não aproveitou o suficiente as oportunidades que a vida ofereceu, pode estar ligado ao medo da solidão e principalmente por não saber o que irá acontecer após a nossa alma deixar nosso corpo físico. Como cita Becker (1973, p. 2) “Esse medo, que o acompanha desde que se figuram em sua mente as primeiras noções de mundo, é a mola mestra de quase todas as suas atividades, mas também sua principal fonte de angústia e doença mental”.

Por mais que muitos pregam que há a existência de um lugar chamado de céu ou inferno, não sabemos se realmente a existência desses dois lugares, pois só vamos saber disso um dia quando nossa alma desligar do nosso corpo. São muitas as ideias e suposições a respeito da morte, e o que acontece depois que morremos, gerando assim medos e dúvidas, mas como cita Becker (1973), todo esse medo motiva e move o ser humano, mesmo ocasionando muitos traumas e dores.

De acordo com Freud (2009, p. 22) “Acentuamos com regularidade a motivação causal da morte, ao acidente, a enfermidade, a infecção, a idade avançada, e traímos assim o nosso empenho em rebaixar a morte de necessidade a casualidade”.

Muitas das vezes associamos a morte, a uma causa, seja uma doença, um acidente, a velhice ou até mesmo a uma depressão que causa um suicídio, mesmo tendo consciência que a morte é um fator natural que a qualquer momento chegará a vez de todos, nunca estamos preparados para lidar com esse acontecimento, como aponta (Bauman, 2008, p. 45)

“Independente do que tenhamos feitos como preparação para a morte, ela sempre nos encontra despreparados”, esta citação é capaz de abarcar e explicar muito a respeito da morte, muitas das vezes nos deparamos com diversos depoimentos sobre essa agonia que enfrenta a maioria da sociedade, por não saber reconhecer e aceitar a morte como uma sentença natural que carrega toda e qualquer espécie humana.

Para reforçar essa ideia de associação da morte a algum fator ou causa, Morin (1970, p. 25) discute sobre isto, o autor em seu livro, *O homem e a morte*, menciona que “Efetivamente, a morte, nos vocabulários mais arcaicos, não existe ainda como conceito: fala-se dela como um sono, de uma viagem, de um nascimento, de uma doença, de um acidente, de um maléfico, de uma entrada para a morada dos antepassados, e, o mais das vezes, de tudo isto ao mesmo tempo”. Como cita Morin (1970), nenhum estudo, por mais avançado que seja, não conseguiu desvendar e entender qual o verdadeiro sentido da morte, qual seu significado na vida humana, é uma sensação que inquieta e perturba a humanidade desde a antiguidade.

Se torna ainda mais difícil aceitar a dor da morte ou buscar entendê-la como consequência natural da vida quando se trata de um parente nosso, ou alguém que tenhamos proximidade, como aponta Freud (2009, p. 22). “Enterramos com ele as nossas esperanças, as nossas aspirações e os nossos gozos, não queremos consolar-nos e recusamo-nos a toda a substituição do ente perdido. Comportamo-nos então como os ‘Asras’, que morrem quando morrem os que eles amam”.

Esse tipo de reação acaba tendo grande poder de destruição na vida daqueles que ficam e não sabem lidar com a perda e o luto, para enaltecer essa ideia Morin (1970, p. 31) menciona; “a dor provocada por uma morte só existe se a individualidade do morto tiver sido presente e reconhecida: quanto mais o morto for chegado, íntimo, familiar, amado ou respeitado, isto é, único, mais a dor é violenta”.

Como já mencionado, todos nós já nascemos com essa certeza, mas muitos não sabem e nem conseguem lidar com isso. A morte é traiçoeira, não existe nada que consiga evitá-la, da mesma maneira, não existe preparação para esse acontecimento, nem pessoa certa ou errada, rica ou pobre, ela é a uma certeza de todos os que habitam esse universo, e que toda e qualquer forma de preparação é inválida.

Todo esse fim que tememos tanto não é de fato um final, mas sim um novo caminho, uma nova fase em outro espaço, para afirmar isso Bauman (2008, p. 46) “A existência corporal pode acabar ou ser meramente suspensa até o retorno, ou dia do juízo final, ou tomar uma forma apenas para assumir outra forma corpórea, como no eterno retorno por meio da reencarnação” tudo isso só é compreensível para os que acreditam em vida após a morte, para aqueles que

creem que não é o fim, mas apenas outra fase que será vivida em novo ciclo, que isso é o desligamento da alma do corpo.

2.2 O Eu: a consciência e o inconsciente

Nesta seção abordamos as discussões na construção do Eu, as informações que serão expostas estão fundamentadas em Freud (1923-1925).

Para iniciar as discussões, vamos nos deter a entender o que seria esse tão falado Eu. Todos nós somos e construímos um Eu, mas afinal de contas o que é esse Eu? Na maioria das vezes usamos o termo Eu para fazer referências a nós mesmos. Discutir sobre esse tema não é algo novo, falar sobre o Eu é um assunto que vem desde a antiguidade, muitas foram as concepções que essa temática ocasionou e que se destacou principalmente no compôs da psicologia e psicanálise.

Segundo os estudos de Freud (1923-1925, p. 16) em seu livro *O Eu e o Id*, logo de início na seção destinadas às discussões sobre o Eu, Freud inicia mencionando que “o Eu pode ser inconsciente no verdadeiro sentido da palavra”, para compreender o que ele quis dizer com isso, precisamos logo buscar entender o que seria o inconsciente e o consciente que compõem a nossa mente e influência no Eu de cada um, baseado na psicanálise.

Segundo Freud (1923-1925, p. 14) o inconsciente seria:

Portanto, adquirimos nosso conceito de inconsciente a partir da teoria da repressão. O reprimido é, para nós, o protótipo do que é inconsciente. Mas vemos que possuímos dois tipos de inconsciente: o que é latente, mas capaz de consciência, e o reprimido, que em si e sem dificuldades não é capaz de consciência. Esta nossa visão da dinâmica psíquica não pode deixar de influir na terminologia e na descrição.

O inconsciente é como se fosse um reservatório de sentimentos, pensamentos, impulsos e memórias que estão fora da nossa consciência e nela estão a maior parte dos conteúdos do inconsciente, o que é inaceitável ou desagradável, como conflitos, dores e ansiedade. O inconsciente tem o poder de influenciar o nosso comportamento e experiência que não tenhamos conhecimento sobre essas influências. É nessa parte que ficam guardadas todas as informações que foram excluídas do consciente e que não podem ser lembradas, por exemplo, lembranças traumáticas, censuras e repressões, podendo influenciar indiretamente a vida do indivíduo.

Já em relação ao consciente, Freud (1923-1925, p. 11) menciona que “Estar consciente é, em primeiro lugar, uma expressão puramente descritiva, que invoca a percepção imediata e

segura”. O Consciente tem o poder de agregar informações que fazem com que mantemos nossa atenção de maneira intencional há uma determinada coisa, situação ou momento, ou seja, é lugar para onde nosso foco está sendo direcionado, formando apenas uma pequena parte da nossa mente.

Quando Freud menciona que o Eu pode ser o inconsciente no real sentido da palavra, possivelmente o Eu seria, portanto, esse místico de sentimentos, sensações que carregamos dentro de nós mesmo no nosso interior e que não temos essa consciência. Às vezes o nosso Eu só revela verdadeiramente quem somos, o que sentimos e o que escondemos, é no inconsciente que está nossa verdadeira personalidade, nada que expressamos ser, ou demonstramos é em vão, estar tudo com nossa mente, nosso interior, pois com bem aborda Freud, para a nossa mente não existe separação entre o real e o irreal.

Dando continuidade às discussões sobre o que seria o Eu, mais à frente das discussões e estudos, Freud descreve, “o Eu é a parte do *Id* modificada pela influência direta do mundo externo, sob mediação do *Pcp-Cs*, como um prosseguimento da diferenciação da superfície” (Freud, 1923-1925, p. 22). Para melhor compreender o que Freud quis nos repassar sobre a definição do Eu, buscamos entender o que significa as expressões *Id* na psicanálise e que tem interferência na construção do Eu. Segundo (Freud, 1923-1925, p. 21) “Um indivíduo é então, para nós, um *Id* [um algo] psíquico, irreconhecível e inconsciente[...]”. Freud explica que é no *Id* é um componente inato dos seres humanos, que todos nascem com ele e que é nele que se acha a justificativas dos desejos e as pulsões, ou seja, ele é a estrutura original da personalidade.

Baseado no conceito descrito acima, o Eu possivelmente seria uma parte do inconsciente, a parte que Freud denomina como *id*, o qual forma a parte original da personalidade, o inconsciente, são os desejos, as emoções, a fonte de toda a energia, das pulsões de vida e de morte, mas também uma junção das modificações do mundo externo, do convívio, seria também uma junção do *Ego* onde o indivíduo vai criando da sua própria identidade.

No mesmo livro, Freud (1923-1925, p. 22-23) vem explicar que o Eu, também é constituído pelas influências do mundo externo que o cerca, como o afirma o autor:

É fácil ver que o Eu é a parte do *Id* modificada pela influência direta do mundo externo, sob mediação do *Pcp-Cs*, ¹como que um prosseguimento da diferenciação da superfície. Ele também se esforça em fazer valer a influência do mundo externo sobre o *Id* e os seus propósitos, empenha-se em colocar o princípio da realidade no lugar do princípio do prazer, que vigora irrestritamente no *Id*.

¹ Entende-se *Pcp-Cs* como sistema percepção-consciência.

Como descreve o psicanalista Freud, o Eu se compõe de uma certa influência dos que estão ao seu redor, se constituindo de discursos e narrativas nas quais o indivíduo está inserido desde o seu nascimento até a sua morte. Como bem escutamos em algumas situações da nossa vida, o outro tem sim o poder de influenciar na construção do nosso Eu, e o nosso Eu de forma direta ou indireta acaba absorvendo as influências ao nosso redor.

Mais adiante, Freud continua mencionando que o Eu não é uma instância psíquica inata, na medida em que ela é efeito dos processos de identificação que os indivíduos estabelecem uns com os outros.

Nós seres humanos se constituímos diariamente, temos as próprias crenças, costumes e sentimentos, esses elementos também fazem parte da construção do nosso Eu, como aponta Cury (2011, p. 22) “O Eu é o centro da personalidade, o líder da psique ou da mente, o desejo consciente, a capacidade de autodeterminação e a identidade fundamental que nos torna seres únicos”. Como citado acima, o Eu poderia ser essa composição de nossa personalidade, nossos desejos e sentimentos, uma junção do id e Ego que Freud explica.

Mas será que esse Eu seria apenas essa composição citada anteriormente? O Eu também pode ser, nossos gostos, escolhas. Buscar entender essa construção torna-se um pouco complicado, necessitando de muitos estudos, mas se torna necessário entender. Para Cury (2011, p. 25) “Desvendar a anatomia e a fisiologia” do Eu é importantíssimo para podermos ser pais melhores, educadores que formam pensadores, profissionais mais eficientes, pesquisadores mais criativos”, ter esse domínio e conhecimento torna-se uma necessidade muito grande e importante, tendo em vista que a construção do seu próprio Eu vai sempre interferir no outro e a construção do outro que convivemos, também vai respingar e ter uma contribuição no nosso Eu.

Ainda nas discussões sobre o Eu, e para reforçar o que foi discutido por Cury, trazemos o posicionamento de Freud (1923-1925, p. 25) em seu livro *O Eu e o Id*, que o Eu é essa junção mística.

Eu é sobretudo corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície. Procurando uma analogia anatômica para ele, podemos identificá-lo com o “homúnculo do cérebro” dos anatomistas, que fica no córtex, de cabeça para baixo e com os calcanhares para cima, olha para trás e, como se sabe, tem no lado esquerdo a zona da linguagem.

Diante das discussões e estudos mencionados nesta seção, sobre a construção do Eu, podemos concluir-se que o Eu seria muito mais de que um elemento intrínseco ao ser humano e que lhe define quem ele é, algo que vai muito mais além do consciente do homem, é uma

junção do *Id*, dos desejos, pulsões, sentimentos com as influências externas, é um conjunto de experiências, características, qualidades e aspectos que forma o homem.

E principalmente o Eu muitas das vezes pode ser um Eu imaginário, ou seja, algo que não somos verdadeiramente e fingimos ser diante a sociedade, acontecimento esse que é muito comum e verídico. O Eu inventado, aquele que almejamos ser aceito e notado pela sociedade, aquele que suga de si mesmo para agradar ao outro.

Assim dizendo, o Eu é tudo aquilo que absorvemos da vida, seja ela verdadeira ou feita de fachada, é nossas experiências, pulsões, desejos, nossas qualidades. O Eu é a construção do homem perante a sociedade.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos a metodologia do estudo sobre o conto “A carne”, nele está repassado em forma textual, um breve resumo de como se deu o desenvolvimento da pesquisa.

O presente trabalho, foi desenvolvido através do método bibliográfico, tendo como sua natureza a pesquisa básica, focada inteiramente em teorias e estudos já feitos anteriormente, como também, com a intenção de buscar explorar o que ainda não foi debatido sobre a temática escolhida, tendo o objetivo de se aprofundar e buscar novos conhecimentos, sobre o conto “A carne”, morte e a construção do Eu.

Segundo Cervo (1983, p. 55) a pesquisa bibliográfica “busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado, tema ou problema.” Como cita Cervo, a pesquisa deste trabalho tem como um dos objetivos conhecer e ter como base os estudos feitos anteriores a este, sobre o tema em questão.

Tendo em vista que a pesquisa se baseia em leituras e estudos de livros, artigos acadêmicos e notícias que serviram para fazer um levantamento sobre o tema.

Algumas partes desta pesquisa, foi desenvolvido por meio de fontes secundárias, utilizando-se de estudos e trabalhos divulgados anteriores a esse, porém outra parte será, uma análise literária, onde algumas partes foram baseadas em estudos que foram realizados e outra parte da própria interpretação da pesquisadora deste trabalho.

O estudo sobre o conto “A carne”, também se desenvolverá baseado em uma análise crítica-analítica, com o intuito de analisar mais profundamente o conto já mencionado, tomando como base teorias citadas acima, feitas anteriormente a esse estudo.

Para a realização deste estudo, nos baseamos no conto “A carne” do escritor Virgilio Piñera, focamos na análise do conto, também foram desenvolvidos, através do conto, duas abordagens temáticas, que foi analisar o medo da morte e a construção do Eu.

4 BREVE RELATO DA VIDA E OBRAS DO CUBANO VIRGILIO PIÑERA

Virgilio Piñera, grande e conhecido escritor cubano, se dedicou à poesia, conto, novela, ganhando destaque também no teatro, tendo grande visibilidade como um dos escritores e críticos mais importantes da literatura cubana.

Ingressou na faculdade de filosofia e letras em Havana, para conseguir matrícula grátis, fez o juramento se declarando como pobre, mas ao final da graduação, se nega a concluir o curso alegando não querer aceitar que sua tese de conclusão, como cita a escritora Barreto (2000) em sua cronologia sobre a vida de Virgilio Piñera, publicada pela revista USP “seja examinada por uns bandos de burros”, por este motivo não concluiu sua graduação. Filho de pais humildes, seu pai um agrimensor e sua mãe professora primária, possuindo cinco irmãos, sua família enfrenta dificuldades econômicas. Barretos (2000, p. 3) menciona uma fala de Virgilio Piñera para o programa da peça teatral Fondo Real de "Aire Frio" de Havana que diz:

A história de minha família é a história de qualquer família de classe média. Dizê-lo é quase uma derrisão: nós conhecemos desde as estreitezas de um quarto para oito até os pés descalços, além de toda a gama e os matizes da fome: éramos classe média, mas éramos também quarta ou décima classe.

Já em relação a sua produção, Virgilio Piñera começou escrever muito jovem, no ano de 1939 teve seus primeiros poemas publicados em uma revista chamada *Espuela de plata*, dando continuidade na sua produção de poemas, em 1941 saíram umas das suas grandes coletâneas de poemas ao qual era nomeada como *Las Furias*, um caderno de poesia, no mesmo ano escreveu umas de suas peças que teve maior destaque, *Electra Garrigó* que foi estreada em Havanas oito anos depois. Virgilio Piñera não parou apenas nesses dois poemas citados anteriormente, em 1944 publicou *Poesía y prosa*, em 1969 *La vida entera e uma broma colossal* que foi escrita entre 1967 e 1976.

Além dos poemas, ainda em 1941 escreve duas peças de teatro; *Clamor en penal* e *En esa helada zona*. Já em 1942 publicou seu longo poema *La Isla en Peso* onde aprofunda sua própria visão da insularidade. Como menciona (Barreto, 2000, p. 6) “Virgilio era um crítico muito agudo que tinha uma composição mental, um faro para ver onde estava o novo (o novo que podia saltar à vista e provocar reação) que era tremendo”. O escritor se destacava com essas grandes características, conseguia como sempre atrair seu público com seus escritos que muitas das vezes usavam para realizar críticas, alerta e expressar seus sentimentos e emoções.

Outra fase importante da vida de Virgilio Piñera ocorreu em 1946 na cidade de Buenos Aires onde viveu cerca de doze anos, foi um período de idas e voltas a cidade, que durou até 1958, nesse percurso trabalhou como bolsista da Comissão Nacional de Cultura de Buenos Aires, trabalhou também como funcionário do consulado de seu país como revisor e como tradutor. Ainda na cidade teve o prazer de conhecer grandes escritores como; Jorge Luis Borges, Victoria Ocampo, Graziella Peyrou e José Bianco.

Tendo grande destaque também no teatro, em 1948 estreia em Havanás, publica umas das suas obras que teve grande reconhecimento *Electra Garrigó*, dando continuidade nas suas produções teatrais no ano seguinte 1949 lança *Falsa Alarma*. Virgilio Piñera não parou apenas nessas duas grandes obras, mas continuou produzindo outras diversas obras teatrais.

Uma das fases na vida de Virgilio Piñera que teve grande destaque, foi quando o escritor começou a escrever e publicar o gênero literário novelas, publicou em Buenos Aires no ano de 1950, um dos seus romances que ganhou maior destaque, foi ele *La Carne de René*, a obra gerou grande repercussão, também ocasionou na vida do autor sérios problemas.

Barretos, (2000, p. 14) Comenta uma fala de Virgilio Piñera, onde o autor chegou a declarar que sentia muito mal, que a escrita do romance lhe gerou várias tribulações em sua vida, como podemos ver no trecho abaixo, onde o escritor fala a respeito:

Estou cansado, doente, enjoado. Escrevi este livro com fios de minha própria carne: dias inteiros, meses, enfim, dois anos, de mãos à obra, carecendo do mais elementar, submergido na deletéria indiferença de meus compatriotas, arrastando-me por Buenos Aires, vivendo em um quarto e em uma promiscuidade abaladora; levado pelas águas do destino a trabalhar com outros compatriotas não menos odiosos que os deixados lá em Cuba; suplicando, abatendo-me, prostrando-me, clamando, dissimulando, sufocando-me, aqui sorrisos, ali sorrisos, dez metros mais longe sorrisos, fingindo-me de tonto com os tontos, o imbecil com os imbecis.

Dando continuidade na produção de novelas, Virgilio Piñera não parou em *La carne de René*, o escritor carrega no seu currículo ainda mais dois romances, que foram bastantes reconhecidos e comentados, são eles: *Pequeñas maniobras*, Ediciones R, La Habana, 1963, e após três anos publica *Presiones y diamantes*, Ediciones Unión, La Habana, 1967.

No ano de 1956, Virgilio Piñera publica *Cuentos Frios*, que seria um dos livros com os mais diversos contos impressos, onde havia desde os seus primeiros contos de 1942 até os atuais, estavam inclusos nele contos como; *La carne* o qual é o *corpus* dessa pesquisa, *El album*, *El gran Baro* e *El muñeco*. Vale destacar que no ano de 1956 desembarca em Cuba Fidel Castro, a quem mais adiante Virgilio Piñera enfrenta problemas. O escritor inicia o livro fazendo uma crítica e alerta a população que possivelmente seria a respeito de Fidel Castro.

Como a época é de temperaturas muito altas, creio que não cairão mal estes Contos Frios. O leitor verá, tão logo se enfrente com eles, que a frieza é aparente, que o calor é muito, que o autor está bem metido no forno e que, como seus semelhantes, seu corpo e sua alma ardem lindamente no inferno que ele mesmo criou para si. São frios estes contos porque se limitam a expor os puros fatos. O autor estima que a vida não premia nem castiga, não condena nem salva ou, para sermos mais exatos, não consegue discernir essas complicadas categorias. Só pode dizer que vive; que não lhe seja exigido qualificar seus atos, que lhes dê um valor qualquer ou que espere uma justificativa ao final de seus dias. Na verdade, deixamos correr a pluma entusiasmados (Barreto, 2000, p. 18).

Já no ano de 1960 Virgilio Piñera é preso pelo governo cubano, ao qual vinha enfrentando sérios problemas e repressões, mas sua prisão não durou muito tempo, no mesmo dia, durante a noite foi liberado devido à pressão internacional. No ano de 1968 foi contemplado para receber o Prêmio *Casa de las Américas* na categoria teatro por sua obra *Dos Viejos Pánicos*.

No ano de 1971 Virgilio Piñera sofre um ostracismo por parte do governo, sendo obrigado a se afastar de suas atividades e produções, por motivos de sua opção sexual e sua ideologia, que desde da entrada de Fidel Castro em Cuba vinha enfrentando problemas, no mesmo ano Virgilio Piñera tem suas obras censuradas em Cuba, sendo proibidas de ser publicadas no exterior, já no ano 1976 e 1978, como cita Barreto, “Virgilio Piñera é interrogado pela segurança do Estado, é ameaçado com a prisão e tem confiscada boa parte de seus manuscritos. Fica impedido de ler em público seus textos” (Barreto, 1993, p. 260).

Em 1972 Virgilio Piñera escreveu dois poemas dedicados a Lezama Lima, grande poeta cubano, que como Virgilio Piñera também era considerado grande influenciador da literatura. Os dois poemas dedicados a Lezama Lima; foram: *Bueno, digamos* e *um duque de Alba*, de acordo com Barreto 1993 em sua tese de doutorado, Virgilio Piñera e Lezama Lima ficam muito amigos, em 9 de agosto de 1976 Lezama Lima faleceu, e como homenagem Virgilio Piñera no mesmo ano escreve o poema *El Hechizado*, e na dedicatória dos contos, segundo Barretos (1993), escreve “*A Lezama en su muerte*”.

Um dos acontecimentos que mais marcou Cuba, a cidade natal de Virgilio Piñera, foi o ataque aos homossexuais durante principalmente o mandato de Fidel Castro, a quem enfrentou diversas lutas com os grandes poetas e escritores cubanos. Como cita Miskulin (2019, p. 5) Em seu Dossiê que fala sobre as disputas intelectuais nos anos 1960 e 1970.

A perseguição aos homossexuais em Cuba antecedeu o fechamento de Lunes. Em 11 de outubro de 1961, quando a polícia prendeu as prostitutas e os prováveis homossexuais que se encontravam em Havana velha, no bairro Colón, numa noite que ficou conhecida como “la noche de las tres P” (pederastas, prostitutas e proxenetas), marcou-se o início da repressão.

O governo pretendia com isso controlar a conduta sexual pública dos cubanos, visando principalmente aos homossexuais e, entre eles, os intelectuais, Virgilio Piñera que era um dos colaboradores de *Lunes* e diretor das *Ediciones R*, e que desde sempre manteve em aberto sua homossexualidade, foi preso no dia seguinte após a perseguição, mas logo em seguida foi liberado por ordens de Carlos Franqui, diretor de Revolución.

Em 18 de outubro de 1979 a cidade de Havana, aos sessenta e sete anos morre o grande escritor e revolucionário Virgilio Piñera que além de poeta, escritor, foi para Cuba grande influência e exemplo, lutou por seus direitos e de seus semelhantes, nunca escondeu sua homossexualidade, mesmo ainda muito jovem sofreu um ataque cardíaco em sua própria casa, mas como cita Barreto (1993, p. 265), Virgilio Piñera se sentia muito jovem, brincalhão e com muita sede de viver.

Dezoito horas antes de morrer estive na casa de Abilio Estévez, onde insistiu no fato de que, apesar de seus sessenta e sete anos, sentia-se muito jovem. Mostrou a pele dos braços para comprovar sua juventude; tocou as pontas dos pés com as mãos, saltou, girou. Estava eufórico. Chegou a dizer que era terrível ser jovem a vida toda, e começou então a fingir-se velho, desdentado e de bengala na mão. Você verá, disse, que entre todas as desgraças que me tocaram, também me tocará a de morrer com noventa anos. O que acontece, Abílio, é que sou imortal.

No ano de sua morte em 1979, Virgilio Piñera chega ainda a escrever *¿Un pico ou una pala?* Mas não chega a concluir esta obra, que segundo Abilio Estévez *apud* Barreto (1993), Virgilio Piñera escreve a obra mencionada acima, a mão, diferenciando de seus costumes que sempre as escrevias à máquina de escrever, ainda segundo relatos de Rine Leal *apud* Barretos 1993, Virgilio Piñera deixou escritas em cima de sua máquina de escrever duas laudas da peça que seria o início da obra.

Ainda segundo Estévez, Virgilio Piñera chegou a falar que a obra *¿Un pico ou una pala?* Seria seu conto de cisne e que após terminá-la talvez não escrevesse mais, o que de fato aconteceu, mas Virgilio Piñera não chegou a concluir. Anos antes de sua morte, chegou a trabalhar como tradutor na UNEAC em um departamento povoado de intelectuais. Nos últimos anos Virgilio Piñera saía pouco de casa, e como estava completamente proibido de publicar, porque era homossexual e estava sendo um dos mais perseguidos pelo governo que na época proibia que pessoas homossexuais tivessem uma carreira artística ou literária normalmente, segundo Ribas (2018), Virgilio Piñera morreu completamente silenciado e esquecido.

5 “CADA PESSOA CORTARIA DA PRÓPRIA NÁDEGA ESQUERDA DOIS FILES”: A CARNE

No conto “A carne”, de Virgilio Piñera, o narrador compõe a história apresentando ao público o problema que vem sofrendo uma população de um lugar sem nome definido. Apresenta a problemática que sofria o povo por uma misteriosa falta de carne, como podemos observar “Sucedeu com grande simplicidade, sem afetação. Por motivos que não vem ao caso expor, a população sofria por falta de carne” (Piñera, 1989, p. 25).² Toda essa situação apresentada ocasiona atitudes fortes e frias, decisões que impactam a vida de todos os habitantes, gerando turbulências e aparentemente uma procura para resolver a questão da falta de carne.

A narrativa apresenta algo que pode despertar no leitor um sentimento de curiosidade, de dúvidas, desde as primeiras frases. O tema não dá para ser compreendido logo no começo da leitura, gerando uma espécie de diligência. Todo esse cenário de mistério, gera o interesse por saber o porquê da falta de carne e não outro qualquer alimento. Nota-se que a população sofre pela abstinência de carne, sem especificar o tipo da carne ou qualquer outro tipo de alimento.

Essa ausência de carne na obra nos faz associar a costumes e tradições vindas da igreja católica desde muito tempo ao qual na época da quaresma é proibido o consumo de carne, os católicos fazem como uma espécie de Jejum, mesmo não sendo algo que está escrito de forma direta na bíblia, mas vindo mais como costume da igreja católica, muitos seguem essa tradição até os dias atuais, como uma espécie de sacrifício e penitência, este ato de abrir mão da carne, para os católicos representa a memória da paixão de cristo, ao sofrimento de Jesus na cruz. A carne é bastante significativa na história do homem. Se pensarmos na representação da carne na vertente cristã, perceberemos que o ato da eucaristia envolve a carne de cristo, simbolicamente representada pela hóstia. E, ainda na vertente cristã, o período em que o consumo da carne é proibida por orientação da fé católica no período da quaresma.

Na dissertação de Souza (2014), poderemos observar a relação entre religião e alimentação como está posto na citação que segue: “O principal objetivo é chamar a atenção para o fato de que todas as religiões, se não possuem uma conduta alimentar pré-estabelecida por suas doutrinas, têm algo a dizer sobre a alimentação e como esta afeta a disposição

² Sucedió con gran sencillez, sin afectación. Por motivos que no son del caso exponer, la población sufría de falta de carne.

religiosa” (Souza, 2014, p. 6). Como já mencionado, nas doutrinas cristãs a alimentação deve ser bem controlada, pois pode interferir na vida de oração e pertencimento a Deus. Tudo deve ser controlado, podendo, para que o elo com Deus seja mantido.

O catolicismo restringe o consumo de carne apenas durante a Quaresma. Algumas ordens católicas não servem carne alguma neste período, enquanto muitos fiéis observam um ou mais dias da semana sem carne. Esta consiste na única interdição do catolicismo provavelmente porque, desde o seu início, esta religião tenha se mostrado como uma crença para todos, e tenha sido construída, em boa parte, sobre a base da cultura romana (que absorvia muitos dos hábitos alimentares de outras culturas), assim, o catolicismo formou-se com muito menos interditos. (Souza, 2014, p. 98).

Como Souza (2014) menciona, a igreja tem grande interferência sobre seus fiéis, repassando costumes e regras criadas pela própria igreja a qual seus seguidores buscam cumprir. Após as discussões sobre o consumo de carne na igreja católica com base em Souza (2014), podemos associar os motivos de não expor o problema de falta de carne naquela cidade aos costumes da igreja católica. Será que esta abstinência não teria relação com alguma tradição religiosa, que aquele povo tinha que seguir, como se sabe antigamente a igreja tinha grande poder sobre a sociedade, esse tempo que a população estava sem comer carne poderia ser uma espécie de crença ou penitência, como forma de pagar por algum ato. Não é possível dizer, mas podemos tentar imaginar que a restrição de carne deva ser de alguma tradição ou o nível de pobreza do local.

Até mesmo não deixando de forma explícita, é apresentado o espaço onde se constrói a cena quando o narrador menciona, que a população sofria por falta de carne, dentro do conto podemos associar que possivelmente está fazendo referência a um povoado ou cidade, mesmo não deixando claro o nome do local.

Cidade essa que perante as atitudes tomadas pela autoridade maior, o prefeito, se vê fugindo do problema, apresentando estar perdido diante toda aquela situação. Logo ao início da narrativa pode se notar que aquele povo mostra temor a algo, o que faz ser questionado o porquê de não ser exposto o motivo daquela falta misteriosa de carne, como observa neste trecho; “Por motivos que não vem ao caso expor, a população sofria por falta de carne” (Piñera, 1989, p. 25).³ Este mistério e ideia sombria constitui não só as personagens, mas a cidade. Sofriam, mas não vinha ao caso expor o motivo da falta de carne, pois tudo parecia estar em unidade: mistério e cidade; povo e fome.

³ Por motivos que no son del caso exponer, la población sufría de falta de carne.

O trecho destacado, torna o conto desde o início misterioso, questionável, levando assim o leitor buscar questionar os possíveis motivos dessa abstinência, a primeira dúvida se gera de querer buscar entender porquê de ser carne e não qualquer outro alimento, e essa abstinência sem explicação e motivos, e a autoridade da cidade porque não propõe suprir essa falta de carne, e aquele povoado porque não sacia a sua fome com outros tipos de comida, é um acontecimento questionável e mais intrigante ainda é a forma como age aquele povo mediante as atitudes e ações do outro.

Podemos perceber que nada neste conto é posto sem motivos, tudo representa a intenção do ser humano e as suas atitudes frente aos problemas que surgem. E que leva ao absurdo, nada é tão misterioso quanto parece.

No trabalho de Barretos (2000) a autora menciona que a escrita do livro de Virgilio Piñera, *Cuentos Frios*, onde o conto “A carne” estar escrito pode vir a ser uma possível crítica de Virgilio Piñera ao ditador de Cuba, Fidel Castro quem era o atual presidente da época e com quem Virgilio Piñera enfrentou diversos problemas e tinha uma relação conturbada, o ditador Fidel Castro tomou posse de Cuba no ano de 1959, a partir desse ano não escondia o preconceito com alguns grupos sociais, entre eles, sendo o principalmente os grupos composto por homossexuais, ao qual Virgilio Piñera fazia parte e nunca escondeu e no mesmo ano da vinda de Fidel a Cuba, Virgílio escreve o seu livro *Cuentos Frios*, o qual o conto a carne estava incluído e não era à toa, o próprio Virgílio Piñera ao publicar seu livro chega a comentar e realizar essa possível crítica ao ditador, como se nota no trecho abaixo.

Como a época é de temperaturas muito altas, creio que não cairão mal estes Contos Frios. O leitor verá, tão logo se enfrente com eles, que a frieza é aparente, que o calor é muito, que o autor está bem metido no forno e que, como seus semelhantes, seu corpo e sua alma ardem lindamente no inferno que ele mesmo criou para si. São frios estes contos porque se limitam a expor os puros fatos. O autor estima que a vida não premia nem castiga, não condena nem salva ou, para sermos mais exatos, não consegue discernir essas complicadas categorias. Só pode dizer que vive; que não lhe seja exigido qualificar seus atos, que lhes dê um valor qualquer ou que espere uma justificativa ao final de seus dias. Na verdade, deixamos correr a pluma entusiasmados (Barreto, 2000, p. 18).

Fidel Castro tentou por diversas vezes calar aquele grupo de homens sexuais segundo Barretos (2000), sendo assim os integrantes como Virgilio Piñera e outros que na época usava da sua escrita, seus livros e conhecimentos para lutar por seus direitos de forma não direta expressava um pedido de socorro. Por estar vivendo uma ditadura, Virgilio Piñera não podia mais publicar seus escritos, sendo várias vezes apreendido pelo governo.

Ao mencionar o prefeito da cidade na escrita do conto, a forma como age aquela autoridade, como podemos observar nesse trecho: “[...]com o alcaide da cidade. Este expressou

a Ansaldo seu vivo desejo de que seu amado povo se alimentasse, como fazia Ansaldo[...]” (Piñera, 1989, p. 25).⁴ A narrativa pode sugerir mais uma vez, a associação do prefeito ao atual presidente Fidel Castro, não de forma direta, mas ao trazer um membro político ao conto, só reforça essa possível interpretação, e aquela população descrita no conto, como os habitantes de Cuba que seguia o que ordenava o ditador, se calando, escondendo sua própria identidade, no caso do conto as personagens se deixando levar pela atitude de Ansaldo e as ordens do prefeito da cidade. Outra frase que reforça ainda o que estamos abordando é o trecho “[...] E logo se viu aquela população engolindo os mais variados vegetais” (Piñera, 1989, p. 25).⁵

Se nota o quanto é forte a expressão engolindo os mais variados vegetais, podemos imaginar que aquela população não estava comendo, mas sim engolindo, é como se fosse algo obrigado, forçado, mostrando não estar contente mas engolindo por não ter outra opção, por não ter uma voz ativa para buscar outros meios para saciar aquela fome. O mesmo acontecia com parte dos habitantes de Cuba ao qual tinha que seguir os mandamentos de Fidel Castro, engolindo suas ordens, mesmo não sendo a favor, se calando, sendo obrigados a agir contra própria vontade.

A narração é contada do começo ao fim de forma linear, o narrador vai mostrando ter conhecimento das personagens, das suas falas, sentimentos, até mesmo de assuntos que não podem vir a ser exposto, é alguém que conhece o interior das personagens sabendo o que sente cada uma, narrando como se tivesse proximidade, mostrando-se como um narrador onisciente, aquele que tudo sabe sobre a narrativa, em nenhum momento da história se mostra assustado ou surpreso diante todo aquele caos, e o que mais chama atenção e deve se destaque, é a forma como tanto o narrador, como as personagens aceitam e lidam com aquela situação.

Sucedu com grande tranquilidad, sem afetação, por motivos que não são de caso expor, a população sofria com falta de carne. Todo o mundo se alarmou-se e foram feitos comentarios mais ou menos amargos e até se esboçaram certos propósitos de vinganças. Mas, como sucede, não passaram de ciertas amenazas[...] (Piñera, 1989, p. 25).⁶

Como pode se perceber no trecho, chama muito a atenção do leitor, a calma diante uma situação tão forte e complicada, confusa. Como que uma população que vinha enfrentando uma problemática tão séria reagiria assim, como cita o narrador com tranquilidade, e essa

⁴ [...] con el alcalde del pueblo. Éste expresó a Ansaldo su vivo deseo de que su amado pueblo se alimentara, como lo hacía Ansaldo, de sus propias reservas, es decir, de su propia carne, de la respectiva carne de cada uno.

⁵ [...] y pronto se vio a aquel afligido pueblo engullendo los más variados vegetales.

⁶ Sucedió con gran sencillez, sin afectación. Por motivos que no son del caso exponer, la población sufría de falta de carne. Todo el mundo se alarmó y se hicieron comentarios más o menos amargos y hasta se esbozaron ciertos propósitos de venganza.

aceitação de modo tão conformado, como pode uma população ver seu espaço se destruindo, as pessoas sofrendo diante o problema e não buscar uma solução, não refletirem o que aquela ação pode causar como, por exemplo, a morte.

Essa aceitação daquela população de forma tão conformada, faz ao leitor refletir e fazer relação a outra situação ao qual estamos todos obrigados a passar, mas poucos sabem lidar e muitos buscam fugir, já outros sabem manusear e lidam de forma muito calma, e sábia, a qual estamos nos referindo a morte. Que como bem cita Bauman (2008, p. 47) “a morte é “Irreparável...Irremediável...Irreversível...Impossível de cancelar ou de curar... o ponto sem retorno... o final... o derradeiro... o fim de tudo”. Como bem mencionado, não há solução para a morte, não existe outro caminho que possamos desviar dela, mas mesmo assim ela se torna incompreensível para os vivos.

A população do conto apresenta ter consciência da morte e o mais interessante ainda é que alguns mostram saber lidar com essa situação inata da vida humana. Em contrapartida, outras personagens se mostram perdidas e com medo, como é o caso do senhor prefeito ao qual não tem seu nome revelado, o que iremos abordar mais adiante. Diante daquela situação de falta de carne, alguns chegaram a tentar buscar solução ou uma justificativa, não aceitando de imediato a falta do alimento. A forma como agiu a população, reforça ainda mais a relação do conto com a temática sobre o medo da morte e a incerteza da vida, mas tal relação ocorre pelo instinto de sobrevivência, o que é contraditório, pois é vida e ao mesmo tempo morte.

Na sequência, nos deparamos com a personagem mais importante da narrativa, o tão famoso senhor Ansaldo. Homem que tem personalidade forte e atitudes frias. Conforme Gancho (2006, p. 11) o protagonista da narrativa que tem “características superiores às de seu grupo”. Essas características, as quais fazem dele um sujeito superior, surgem pela representatividade da própria personagem e o seu lugar no conto, uma vez que ocupa um espaço de destaque na narrativa. Ansaldo, nome forte que significa poder da divindade. Em toda a narrativa o protagonista representa como uma divindade a quem todos ali seguiam.

Ansaldo é a personagem que resolve grotescamente o problema da falta de carne, pois vai de encontro a ordem geral, agindo friamente e de forma muito natural o problema: “com grande tranquilidade se pôs a afiar um enorme facão de cozinha e, ato contínuo, baixando as calças até os joelhos, cortou da própria nadga esquerda um belo filé” (Piñera, 1989, p. 25).⁷ É possível observar que a personagem age de forma canibal, e é como se não sentisse dor, o que

⁷ Con gran tranquilidad se puso a afilar un enorme cuchillo de cocina, y, acto seguido, bajándose los pantalones hasta las rodillas, cortó de su nalga izquierda un hermoso filete.

é contraditório e nos faz refletir que até mesmo a morte não é uma dor que é sentida. Com detalhes o narrador descreve o passo a passo da ação absurda e incomum, o psicanalista Freud (1912-1914) discorre sobre este ato de se automutilar, abordando que as fantasias orais sádicas ou canibalescas estão ligadas ao aparecimento de dentes e possibilidade de usá-los para morder, roer, rasgar e mastigar, o que acontece com a personagem Ansaldo que friamente devora parte do seu próprio corpo.

Poderemos ainda refletir que essa atitude tomada por Ansaldo, de forma muito calma tem uma forte relação com a sua construção de identidade ou com seu inconsciente. Além disso, pode-se questionar que esse ato animalesco de devorar seu próprio corpo para saciar uma necessidade de carne não é algo natural e nem atitudes de uma pessoa em sua plena consciência. Nota-se, pelas atitudes e ações friamente da personagem, que ele não está agindo conforme uma pessoa que esteja mentalmente bem. Ansaldo aparenta estar agindo por impulso perante aquela problemática, usando a pulsão que é uma exigência psíquica da nossa mente e tem a necessidade de buscar solucionar algo que nos incomoda e o caminho encontrado é se auto mutilar como uma que o faz tomar decisões irracionais. A motivação, como já foi exposta, é a falta de carne.

Acreditamos que viver e morrer sejam as pulsões que são evidenciadas ao longo do conto, pois as ações da personagem fazem com que estas sejam as suas motivações tanto pela pulsão de vida como pela de morte. Com base nos estudos do psicanalista Freud (1920), a pulsão de vida seria toda a demanda interna que nos leva a buscar o prazer, a criar, realizar projetos e até mesmo sobreviver em busca de alimento; já a pulsão de morte é aquela que nos conduz a busca do isolamento, da estagnação e atos de destruição. A maior parte dos nossos pensamentos e ações é resultado não só de uma ou outra, mas, sim, dessas duas forças juntas, podemos classificar as atitudes de Ansaldo como uma ação perante a pulsão de vida junto a pulsão de morte.

Após Ansaldo buscar uma maneira de saciar aquela escassez de carne, mesmo agindo com um ato extremamente fora do racional, esta atitude é uma pulsão de vida, uma busca por sobrevivência, tentando mesmo de forma ambígua preservar a vida, tentando manter o organismo vivo e um exemplo básico de pulsão de vida seria a busca pela sobrevivência o que acontece quando Ansaldo busca a todo custo saciar essa necessidade de carne daquele povoado, e sobretudo a sua fome.

Ao mesmo tempo que a personagem Ansaldo usa a pulsão de vida como forma de sobrevivência, do mesmo modo faz uso da pulsão de morte, ou seja, querendo buscar a forma mais primitiva do ser, caminhando para que o indivíduo tenha o seu fim, um bom exemplo para citarmos aqui de pulsão de morte seria o suicídio. Não de forma direta, mas o suicídio acontece

em todo o decorrer do conto, com todas as personagens, isto é, um suicídio coletivo, bem como um rito canibalista, que como menciona Freud (1912-1914) no seu livro *Totem e Tabu*, essas atitudes tomadas por as personagens fazem parte do seu inconsciente onde os desejos estão guardados, as personagens nesse caso rompem o tabu de não poder comer a carne humana, indo contra essa espécie de crença e tradição. Aliás, é toda essa pulsão que move a narrativa, como se observa no seguinte trecho: “Depois de havê-lo limiado, temperou-o com sal e vinagre, passou-o- como se diz- na grelha, para finalmente fritá-lo na grande frigideira das omeletes de domingo” (Piñera, 1989, p. 25).⁸

De forma inconsciente ou não, pois o limiar entre consciente e inconsciente é tênue, o foco é descaracterizar o significado da vida através do alto mutilamento que leva à morte. Destacamos, na continuação, outra cena da narrativa que comprova o quanto forte é a pulsão de morte perante as atitudes da personagem Ansaldo:

Uma vez ali fez saber que cada pessoa cortaria da própria nádega esquerda dois filés, completamente iguais a uma amostra em gesso encarnado que pendia de um reluzente arame. E declarava que dois filés e não um, pois se ele havia cortado de sua nádega esquerda um belo filé, era justo que a coisa andasse compassadamente, isto é, que ninguém engolisse um filé a menos. Uma vez fixados estes pontos, dedicou-se cada um a fatiar dois filés de suas respectivas nádegas esquerda. Era um glorioso espetáculo, mas roga-se não enviar descrições. (Piñera, 1989, p. 25).⁹

Com essas atitudes, o protagonista estimula o comportamento das demais personagens a seguirem aquele ritual de sobrevivência, caminhando a um fim, retornando seu corpo ao estágio inorgânico, ou seja, seguindo o caminho da morte. Dessa forma, é um ato contra a vida, cena muito forte, pois os corpos vão sendo mutilados enquanto as personagens se alto devoram. Atos semelhantes ao masoquismo, que segundo Freud (1923-1925) trata-se de uma permuta inconsciente, pois é notório, que em nenhum momento da narrativa as personagens chegam a reclamar daquele ato, ao contrário sentem o gozo, a fome de se saciarem com a carne, como se observa adiante:

Logo viram-se senhoras que falavam das vantagens que produzia a ideia do senhor Ansaldo. Por exemplo, as que já haviam devorado seus seios não se viam obrigadas a cobrir com panos sua caixa torácica, e seus vestidos concluíam um pouco acima do umbigo. E algumas, nem todas, já não falavam, pois haviam engolido sua língua, que,

⁸ Tras haberlo limiado, lo adobó con sal y vinagre, lo pasó –como se dice– por la parrilla, para finalmente freírlo en la gran sartén de las tortillas del domingo.

⁹ Una vez allí hizo saber que cada persona cortaría de su nalga izquierda dos filetes, en todo iguales a una muestra en yeso encarnado que colgaba de un reluciente alambre. Y declaraba que dos filetes y no uno, pues si él había cortado de su propia nalga izquierda un hermoso filete, justo era que la cosa marchase a compás, esto es, que nadie engullera un filete menos. Una vez fijados estos puntos diose cada uno a rebanar dos filetes de su respectiva nalga izquierda. Era un glorioso espectáculo, pero se ruega no enviar descripciones.

diga-se de passagem, é um manjar dos deuses. Na rua tinha lugar as mais deliciosas cenas, assim, duas senhoras que faziam muitíssimo tempo não se viam, não puderam beijar-se; haviam usado as maçãs do rosto na confecção de uns assados de grande êxito. (Piñera, 1989, p. 25).¹⁰

Nota-se que as personagens passam a definir aquele ato de devorar seu corpo como algo vantajoso, usando termos como: deliciosas cenas, grande êxito. O que deixa a cena ainda mais fora do normal, pois como é possível imaginar que o ato de se destruir pode sugerir algo delicioso. Tal efeito ainda sugere o estímulo do prazer. É lindo de presenciar tamanho espetáculo e por isso devoram e se sentem bem com a dor.

Ao analisar as atitudes tomadas por Ansaldo, podemos sugerir que a personagem age de forma aparentemente inconsciente. Com base nos estudos de Freud (1923-1925) nosso Eu se constrói tanto de forma consciente como inconsciente, e perante a forma fria e animalesca que age Ansaldo, como foi possível perceber no trecho do conto que mencionava que Ansaldo de forma muito calma pegou um facão de cozinha e cortou parte do seu corpo. Percebemos que essas atitudes fazem parte do inconsciente, pois neste estado, o sujeito está imerso ao seu universo reprimido e distante de se encontrar em plena sanidade. Conforme Freud (1923-1925, p. 14) o inconsciente seria:

Portanto, adquirimos nosso conceito de inconsciente a partir da teoria da repressão. O reprimido é, para nós, o protótipo do que é inconsciente. Mas vemos que possuímos dois tipos de inconsciente: o que é latente, mas capaz de consciência, e o reprimido, que em si e sem dificuldades não é capaz de consciência. Esta nossa visão da dinâmica psíquica não pode deixar de influir na terminologia e na descrição.

O inconsciente é como se fosse um reservatório de sentimentos, pensamentos, impulsos e memórias que estão fora da nossa consciência. Na consciência estão a maior parte dos conteúdos do inconsciente, o que é inaceitável ou desagradável, como os conflitos, dores e ansiedade. O inconsciente tem o poder de influenciar o nosso comportamento e influência em algo que pode ter acontecido com o sujeito.

Na continuação do enredo, nos deparamos com o momento em que a personagem protagonista, se dirige a praça pública a pedido do prefeito para fazer como é citado no conto uma demonstração de como cada um daquele povo deveria fazer. É um ato público e sem receio algum do que poderia gerar nas demais pessoas que presenciavam a ação. O desejo era expressar

¹⁰ Pronto se vio a señoras que hablaban de las ventajas que reportaba la idea del señor Ansaldo. Por ejemplo, las que ya habían devorado sus senos no se veían obligadas a cubrir de telas su caja torácica, y sus vestidos concluían poco más arriba del ombligo. Y algunas, no todas, no hablaban ya, pues habían engullido su lengua, que dicho sea de paso, es un manjar de monarcas.

para o seu povo como poderiam atingir o máximo do gozo e do prazer ao se alimentar da carne de cada um, de suas próprias reservas.

Atitude muito forte tomada pelo representante da cidade. Pode-se perceber que as pessoas não têm a real noção do que pode ocorrer e por isso não sentem medo da morte, nem da solidão, bem como o quanto pode ser perigoso. A população encontra uma solução irracional por abstinência de um alimento e se devoram pouco a pouco, tentando fugir da realidade. Esta atitude nos faz refletir, como bem é citado por Becker (1973, p. 2) que, “De todas as coisas que movem o ser humano, a mais forte e determinante é o medo da morte.” Mesmo sendo uma lei natural, que todos que habitam esse espaço enfrentarão, a morte é temida. Porém, no conto, este medo não é representado e tampouco surge como um problema. A morte aparece nos pequenos espaços do não dito, pois não é mencionada explicitamente no texto.

Outro ponto que merece ênfase é como age o prefeito, perdido diante de toda aquela situação. Age sem pensar, de forma impulsionada, demonstrando não ter uma atitude própria, também pode se associar a atitude daquela autoridade como uma forma de falta de competência para assumir uma cidade.

A atitude que tomou o prefeito pode estar ligada à sua construção do Eu, que na maioria das vezes tem grande influência do mundo externo e do outro. Esta ação comprova o quanto o outro e as influências são capazes de interferir nas nossas atitudes, mexer com nosso consciente, como bem afirma o psiquiatra Freud (1923-1925, p. 22-23)

É fácil ver que o Eu é a parte do *Id* modificada pela influência direta do mundo externo [...] Ele também se esforça em fazer valer a influência do mundo externo sobre o *Id* e os seus propósitos, empenha-se em colocar o princípio da realidade no lugar do princípio do prazer, que vigora irrestritamente no *Id*.

Ao ver Ansaldo conseguindo suprir suas necessidades de carne, se vendo perdido sem saber como ajudar seu povo, e principalmente deixando o outro interferir nas suas ações e escolhas, o prefeito tomou a decisão de mandar o protagonista ir à frente. Não só aquela autoridade da cidade, mas todos aqueles habitantes se deixaram levar, agiram perante a atitude do outro, como se nota no trecho adiante retirado do conto:

E declarava que dois filés e não um, pois se ele havia cortado de suas nádegas esquerdas um belo filé, era justo que a coisa andasse compassadamente, isto é, que ninguém engolisse um filé a menos. Uma vez fixados estes pontos, dedicou-se cada

um a fatiar dois filés de suas respectivas nádegas esquerda. Era um glorioso espetáculo, mas roga-se não enviar descrições. (Piñera, 1989, p. 25).¹¹

Aqui nos deparamos com uma atitude que só comprova quanto forte e poderosa é a influência do outro, e como deixamos tanto de forma direta e indireta o outro interferir na construção do nosso Eu, pois somos seres humanos que sofremos grande influência do mundo externo, dos discursos e narrativas de onde estamos inseridos, e que nosso Eu não é uma instância psíquica inata, na medida em que ela é efeito dos processos de identificação que os indivíduos estabelecem uns com os outros.

Todos aqueles indivíduos que faziam parte daquele meio, se deslocaram de suas respectivas casas e se dirigiram até a praça principal para prestigiar aquela cena ou como descreve o próprio narrador, “uma demonstração prática as massas”. Ademais de toda essa atenção dedicada a esse evento, cada um daqueles que compunham aquele meio foi pouco a pouco seguindo as recomendações feitas por aquele indivíduo. Desse modo, as pessoas daquela cidade estavam sobrevivendo e morrendo ao mesmo tempo, mediante as ações do outro e as suas próprias atitudes.

Dando sequência, nos deparamos com o desenvolvimento da narrativa e supomos que o leitor vai se situando, conseguindo entender melhor o que está acontecendo com aquele povo. É, a partir deste ponto, que acontecem os episódios que tornam a narrativa surreal, com cenas que fogem à racionalidade. São atitudes animalescas e frias. “Logo ficou acordado a coisa e, depois das efusões próprias de gente bem-educada, Ansaldo transferiu-se para a praça principal da cidade para oferecer, segundo sua frase característica, “uma demonstração prática às massas” (Piñera, 1989, p. 26).¹²

Esta expressão, usada entre aspas para destacar a fala da personagem Ansaldo, é uma frase forte, que demonstra ter um poder de influência, é como se aquela atitude do protagonista fosse a salvação para aquele problema de falta de carne. Esta reação reforça a ideia que Freud aborda sobre a construção do Eu, pois conforme o psicanalista somos construídos perante a atitude e ações do outro, mais frequente ainda é a construção de um Eu que é aquele que almejamos ser.

¹¹ Y declaraba que dos filetes y no uno, pues si él había cortado de su propia nalga izquierda un hermoso filete, justo era que la cosa marchase a compás, esto es, que nadie engullera un filete menos. Una vez fijados estos puntos dióse cada uno a rebanar dos filetes de su respectiva nalga izquierda. Era un glorioso espectáculo, pero se ruega no enviar descripciones.

¹² Pronto quedó acordada la cosa y después de las efusiones propias de gente bien educada, Ansaldo se trasladó a la plaza principal del pueblo para ofrecer, según su frase característica, “una demostración práctica a las masas”.

Aliada à nossa análise, Morin fala sobre saber lidar com a dor do luto, a vivência da morte, é o que aparenta estar acontecendo com algumas personagens da narrativa que demonstram está sabendo lidar com todo aquele cenário de autodestruição.

A morte situa-se exatamente na charneira bi antropológica. É o traço mais humano, mais cultural, do 'anthoropos'... É impossível conhecer o homem sem lhe estudar a morte, porque, talvez mais do que na vida, é na morte que o homem se revela. É nas atitudes e crenças perante a morte que o homem exprime o que a vida tem de mais fundamental (Morin, 1970, p. 1)

Como cita Morin (1970), a morte é o que nos faz humanos. Estudar sobre ela é essencial, aquele que bem entende sobre a morte, não teme a ela, sabe recebê-la e vivenciar esse processo. A atitude de Ansaldo, a forma como ele narra passo a passo como aquele povo deveria agir, também pode ser vista como um discurso de alguém que tenha domínio sobre essa temática, e estava ali na praça principal preparando seu povo para a morte.

Logo ao início é destacado que Ansaldo a personagem principal corta uma parte de sua nádga, parte essa a qual o autor não demonstrou está lhe causando nenhum problema, já as mulheres descritas no conto, perderam logo de início as partes mais importantes para o ser feminino; os seios, que tem o poder de representar o ser feminino, para as mulheres parte de grande beleza e charme, sem contar que perderam também as partes inferiores do seu corpo e mais forte ainda é que não podiam mais se expressar, pois havia comido sua língua “E algumas, nem todas, já não falavam, pois haviam engolido sua língua, que, diga-se de passagem, é um manjar dos deuses” (Piñera, 1989, p. 25).¹³

Todas essas partes destacadas que foram consumidas daquelas mulheres, não foi à toa. Aquelas personagens que tiveram suas línguas digeridas perderam sua liberdade de expressar, de questionar. Seus seios e suas partes inferiores foram dilacerados dos desejos humanos e do prazer feminino. Se partimos para um lado crítico e literário, podemos refletir que a história feminina, desde a antiguidade é marcada por violências, machismo, desigualdade de gênero, preconceito e desvalorização, tudo isso se faz presente na sociedade em geral, em quase todos os setores, no cenário literário não vem a ser diferente, tendo em vista que é bem maior o número de escritores masculinos renomados do que escritoras femininas, tanto teoricamente, como no contexto escrito, se formos observar algumas obras literárias, nos deparamos com o gênero feminino sendo sempre mais ofendido, um ser fraco, submissa aos afazeres domésticos e que tem a figura masculina como sendo a salvação e a direção de vida.

¹³ Y algunas, no todas, no hablaban ya, pues habían engullido su lengua, que dicho sea de paso, es un manjar de monarcas.

Assim, ao final desse mistério, acontece na narrativa uma das cenas mais fortes. Até aquele momento, parecia tudo correr bem, nada tinha sido questionado era acontecimentos “normais” para aquela população. Até o momento que acontece uma cena descrita como “um dos episódios mais pitorescos daquela agradável jornada[...]” (Piñera, 1989, p. 27).¹⁴ Já é visível pela expressão usada que é algo que marcou aquele povo ou que os fez despertar.

Uma personagem descrita como bailarino já havia devorado seu corpo quase por inteiro. A personagem por amor e respeito a seu trabalho deixava então por último a parte dos dedos do pé, que não era em vão, para ele essa respectiva parte, representava sua arte, tudo que fez e amava fazer. Podemos imaginar que o bailarino se encontrava com medo de morrer, pois só havia o último pedaço do seu corpo, a personagem sentia a morte perto, não era sem razão que se encontrava inquieto:

Seus vizinhos notaram que fazia vários dias que se mostrava vivamente inquieto. Só lhe restava a parte carnosa do dedão. Então convidou os amigos para presenciarem a operação. Em meio a um sanguinolento silêncio cortou a sua porção posterior e, sem levá-la ao fogo, deixou-a cair no vão aberto onde outrora havia sido sua boca. Então todos os presentes ficaram repentinamente sérios (Piñera, 1989, p. 27).¹⁵

Percebe-se que é a partir desse ato, que as personagens passam a refletir e entender o que de fato estava acontecendo. Antes era um ato normal, ninguém se questionava que com aquelas atitudes, estavam alimentando a sua própria morte, e é aqui que aparentemente todos sentem a morte. É como se aquele ato do bailarino fosse um choque de realidade naquele povo, isso faz se associar o que afirma, Bauman (2008), que por mais que nos preparássemos para passar pela morte, nunca vamos estar preparados.

O bailarino ao consumir seu último pedaço do corpo sente que a morte é uma sentença natural do ser humano e que todos que habitam esse espaço mais cedo ou mais tarde tendem a passar por isso. A morte é perturbadora e como ainda aponta Bauman (2008), a morte é impossível de controlar, além de tudo é incompressível de se entender e aceitar.

Como foi destacado anteriormente, a morte foi como um choque de realidade para aqueles que estavam a presenciar aqueles acontecimentos, como descrito todos permaneceram em um imenso silêncio e repentinamente sérios, isto por que parecia que só a partir disso passaram a questionar essa ambiguidade de sobreviver e morrer ao mesmo tempo, e pelo fato

¹⁴ Uno de los sucesos más pintorescos de aquella agradable jornada[...]

¹⁵ Sus convecinos advirtieron que desde hacía varios días se mostraba vivamente inquieto. Ya sólo le quedaba la parte carnosa del dedo gordo. Entonces invitó a sus amigos a presenciar la operación. En medio de un sanguinolento silencio cortó su porción postrera, y sin pasarla por el fuego la dejó caer en el hueco de lo que había sido en otro tiempo su hermosa boca. Entonces todos los presentes se pusieron repentinamente serios.

de ser amigo próximo do bailarino como descritos, se sentiram assim, como aponta Freud (1915, p. 22) que quanto mais próximos formos da pessoa mais difícil será aceitar, porque segundo o psicanalista enterramos com eles nossas esperanças.

Na sequência, é mencionado brevemente que um homem descrito como o mais obeso daquela cidade, havia devorado todo seu corpo, não é descrito nenhuma informação pessoal dessa personagem. “Só se sabe que um dos homens mais obesos da cidade (pesava duzentos quilos) gastou toda sua reserva de carne disponível no breve espaço de quinze dias (era extremamente guloso e, por outro lado, seu organismo exigia grandes quantidades)” (Piñera, 1989, p. 27).¹⁶ Apenas é descrito que era extremamente comilão e por isso necessitava de muita carne, por ter essas características devorou todo seu corpo em cerca de quinze dias.

Logo em seguida, já é mencionado a presença de duas personagens, descritas como senhora Orfila e seu filho, ao qual não é apresentado o nome. “Desta sorte, uma manhã, a senhora Orfila, ao perguntar ao filho- que devorava o lóbulo esquerdo da orelha-onde havia guardado não sei o que, não obteve resposta alguma” (Piñera, 1989, p. 27).¹⁷ De nada havia retorno ao chamado da senhora, pois ao chamar ao perito teve como resposta que só havia no lugar onde foi seu filho um monte de excrementos. Podemos associar este ato da senhora Orfila e seu filho ao que fala Bauman (2008, p. 45) “Independente do que tenhamos feitos como preparação para a morte, ela sempre nos encontra despreparados”. Por mais, que as personagens estivessem agindo de forma inconsciente ou não, a partir daquele momento que todos se puseram a devorar seu próprio corpo estavam buscando a morte, mas como afirma Bauman (2008) independente de tudo, nunca vamos estar preparado para a morte.

Após discorrer sobre todo a história, conhecer cada personagem, é de suma importância buscar pensar e refletir sobre o que cada uma tem a repassar, segundo Candido (1968) A personagem tem sempre algo para representar, seja uma ideia, um valor, ela vai sempre transmitir algo, e no conto A carne não é diferente, todas as personagens estão com a intenção de transmitir uma alerta e realizar de forma indireta uma crítica.

A primeira personagem a aparecer na narrativa é o famoso Ansaldo, a quem já foi discutido sobre, e quem teve o poder de interferir em todos os outros, o famoso protagonista. Logo adiante, surge um vizinho a quem não tem sua identidade revelada e aparece brevemente na narrativa, este aparentemente preocupado com a situação daquela falta de carne se desloca

¹⁶ Sólo se sabe que uno de los hombres más obesos del pueblo (pesaba doscientos kilos) gastó toda su reserva de carne disponible en el breve espacio de 15 días (era extremadamente goloso, y por otra parte, su organismo exigía grandes cantidades).

¹⁷ De esta suerte, una mañana, la señora Orfila, al preguntar a su hijo –que se devoraba el lóbulo izquierdo de la oreja– dónde había guardado no sé qué cosa, no obtuvo respuesta alguna.

até a casa de Ansaldo para fazer como é descrito no conto, um desabafo, ao se deparar com aquela situação de Ansaldo devorando um belo filé de sua nadga esquerda, o vizinho sai comovido e muitíssimo preocupado, logo em seguida retorna a casa de Ansaldo com o prefeito da cidade.

Esta reação da personagem, descrita como o vizinho, mostra logo de início que ele se encontra preocupado com todo aquele acontecimento, demonstrando assim ser um indivíduo que não se cala diante de algo que não está de acordo, ao procurar Ansaldo para desabafar, torna ele diferente dos demais que aparentemente se calou diante todo aquele caos. E ao deparar-se com Ansaldo devorando parte do seu próprio corpo, saiu da casa muito preocupado, a procura de solução. É notório que o vizinho é a única personagem que não se deixa levar por influência do outro, demonstrando com as atitudes tomadas, ser uma personagem de atitudes próprias, e que mesmo durante momentos difíceis e que não sabe como agir, ele se mostra não agir perante as atitudes do outro.

Mostrando assim, estar tendo poder sobre seu Eu, possuindo naquele momento domínio sobre seu *Id*, seu *Ego* está lutando para se manter consciente diante toda aquela situação, travando uma batalha contra as influências externas e o *Id* que baseado em Freud (1923-1925) é no *Ego* que o indivíduo vai criando da sua própria identidade. Cury também fala a respeito do *Ego*, baseado no conceito de Freud, ela menciona que: “O Eu é o centro da personalidade, o líder da psique ou da mente, o desejo consciente, a capacidade de autodeterminação e a identidade fundamental que nos torna seres únicos” (Cury, 2011, p. 22). A personagem descrita como vizinho, aparenta ser a única que seu *Ego* demonstra na narrativa ter domínio próprio, ter autodeterminação.

Já o prefeito da cidade, autoridade maior em pouco tempo se mostra ser uma pessoa que se influencia rapidamente pelo outro, perante as atitudes tomadas, demonstra ser uma autoridade que não se preocupa com seu povo, ao ordenar que Ansaldo se dirigisse a praça principal e que o povo seguissem as ordens de Ansaldo, torna o irresponsável, incompetente para seu cargo. Esta atitude tomada pelo prefeito repassa uma sensação de medo, é como se ele temesse a Ansaldo e que mesmo sabendo que aquela ação de devorar seu próprio corpo o levaria a morte, ele mesmo assim o apoia.

Perante a forma como agiu o prefeito, nos faz associar ao que Cuba enfrentava no ano 1959 no mandato de Fidel Castro que o povo mesmo não sendo a favor de suas atitudes se calavam e seguia seus mandamentos. Além do mais que somos seres que se influencia facilmente pelo outro, como bem menciona Freud (1923-1925, p. 22) o Eu é a parte do *Id* modificada pela influência direta do mundo externo. O prefeito se deixou levar pelo impulso e

desejo de solucionar de forma rápida aquele problema de falta de carne, agindo pela influência do outro e pela sua formação do seu *Id*, podendo também fazer uma crítica de forma indireta as autoridades governamentais da época que demonstrava descaso com a população.

Logo adiante é mencionado a presença de duas senhoras a quem também não têm seus nomes divulgados, e que se apresenta muito brevemente, perante as ações dessas senhoras de elogiar aquelas frias cenas do povo devorando seu próprio corpo, nota-se que elas se apresentam como pessoas que demonstra ser um indivíduo que possui um Eu inventado, aquele que cria um Eu para seguir a sociedade, que se deixa levar pela influência do mundo externo, pelas emoções, como bem cita Freud (1923-1925) possuímos um Eu que é constituído pela junção do *Id* junto ao *Ego*, formado assim por desejos e pulsões e principalmente por sermos moldados pela sociedade, não sendo assim, apenas um elemento intrínseco ao ser humano.

Além do mais, as duas senhoras se apresentam estar agindo como Eu inconsciente, que baseado em Freud (1923-1925), também somos constituídos perante um Eu inconsciente, ou seja, que agimos por impulsos, onde guardamos nossas dores, conflitos e o que é inaceitável para o consciente.

De forma muito breve se apresenta um Juiz criminal, este por ter agido perante as atitudes tomadas pela maioria, já não podia mais agir como profissional, o que nos faz refletir que seguir as atitudes do outro pode acabar nos prejudicando.

Já se apresentando como uma das últimas personagens, temos a presença de um bailarino, a quem gera no conto um momento de tensão, e reflexão. Perante as atitudes desta personagem, se nota que o mesmo igual aos demais citados se deixou levar pela influência externa, além do mais, ele demonstra ser apenas a única personagem que temia a morte, possuía medo de morrer, ao se dá conta que se ingerisse seu último pedaço do corpo, viria a morrer a personagem se apresentou inquieta, como bem fala Becker (1973) o medo da morte é uma das coisas que mais move o ser humano.

O desespero e o medo da personagem por saber que não haveria uma alternativa, perante suas ações, nos faz refletir que não conseguimos fugir da morte, como cita Bauman (2008) a morte é impossível de se cancelar, ela é o final de tudo.

Na sequência, surge a senhora Orfila e seu filho, essas duas personagens surgiram só para reforçar o que já foi discutido sobre o quanto forte é a influência do outro naqueles que não tem seu próprio Eu bem definido, e como a sociedade consegue moldar o ser humano, e por fim, aparece um perito em desaparecido que vem com intuito de repassar que a morte é uma sentença natural do ser humano que não há nada que impeça.

Mediante todas as personagens descritas no conto, é notório que todas é apresentada de forma muito breve e resumida, logo nos deparamos com a situação e a conclusão do desfecho daquelas personagens. Essas características não são em vão, mas sim, típico do gênero conto ao qual a narrativa foi produzida, como menciona Gancho (2006) o conto é uma narrativa mais curta, que tem como característica central condensar conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens, já Soares (1993) complementa que o conto ao invés de representar o desenvolvimento ou o corte na vida das personagens, visando a abarcar a totalidade, o conto aparece como uma amostragem, como um flagrante ou instantâneo, pelo que vemos registrado literariamente um episódio singular e representativo.

Ao longo de toda obra “A carne” podemos observar uso de expressões muito forte, como: engolindo, belo filé, saborear, uma demonstração prática as massas, glorioso espetáculo, gozaria, deliciosas cenas, grande êxito, lamber os beiços, muito bem alimentada.

Como também, tais atitudes das personagens trazem à tona outros temas que podem ser debatidos dentro da narrativa, muitos elementos extrínsecos, tais como: excesso de peso e obesidade no caso da personagem descrita como guloso, que gastou sua reserva de carne rapidamente, o descaso das autoridades governamentais como a população principalmente quando se trata de assuntos ligados a saúde, como é o caso daquele povoado que vinha enfrentando uma ausência de carne muito grande, tendo apenas vegetais para se alimentar.

O preconceito as mulheres onde é possível ver na narrativa que as mulheres perdiam as partes as quais lhes davam direito a se expressar, a realizar seus desejos como mulheres e pôr fim a liberdade de expressão que foi o que foi retirado de todo aquele povoado quando os mesmos tiveram que seguir as ordens da personagem Ansaldo a mandado da autoridade maior da cidade o senhor prefeito.

Diante do exposto, o leitor pode se questionar o que de fato seria essa falta de carne que moveu toda narrativa, viria a ser simplesmente um alimento ou seria a essência de cada um, o Eu que construímos e a sociedade o corrompe ou que se deixa levar pelas influências externas. Seria nossas fraquezas, defeitos, medo e frustrações junto as nossas qualidades, coragem e esforço ou seria apenas um substantivo feminino que compõem o corpo humano e cuja é função seria, alimentar e saciar a fome.

Mas de nada adiantaria esses questionamentos e críticas, tendo em vista que aquela cidade se encontrava saciada da necessidade de carne, como bem define o narrador “mas seria

mesquinho fazer mais perguntas inoportunas e aquela prudente cidade estava muito bem alimentada” (Piñera, 1989, p.27).¹⁸

¹⁸ Pero sería miserable hacer más preguntas inoportunas, y aquel prudente pueblo estaba muy bien alimentado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar o conto “A carne” do escritor cubano Virgilio Piñera. O *corpus* desta pesquisa faz parte do livro de contos, intitulado *Cuentos frios*, escrito no ano de 1956 e todos os contos presentes neste livro, de forma não direta, faz uma espécie de crítica, alerta e denúncia social.

Esta pesquisa focalizou as atenções no conto “A carne” tendo em vista que através desse texto literário, foi possível discutir temáticas que abordem assuntos relevantes e que com base na obra “A carne”, ainda não foi estudado, como o medo da morte e a construção do Eu, que foram os pontos centrais para a produção deste trabalho. O presente estudo foi realizado através da pesquisa bibliográfica e analítica, teve como base metodológica a pesquisa qualitativa.

Diante disso, esta pesquisa teve como objetivo geral: analisar o conto “A carne”, com base nas discussões da “morte” e do “Eu”. Constatando assim, que este objetivo geral foi atendido, porque a pesquisa conseguiu identificar, através das atitudes das personagens, a presença do medo da morte e sobre a construção do Eu, em todo o conto.

Ademais, partindo do objetivo geral, foram desenvolvidos os específicos, onde o primeiro foi: apresentar a vida e obra do escritor Virgilio Piñera, a partir de estudos feitos anteriores a esse, foi possível atender ao objetivo, através de trabalhos acadêmicos e relatos foram encontradas todas as informações desejadas sobre a vida e a obra do autor.

O segundo objetivo específico era discutir as teorias da morte com base em Bauman, e do Eu com base nos estudos de Freud, sendo possível a realização desse objetivo, por meio de leituras, resumos dos textos e livros desses autores que abordavam as temáticas.

E por fim, o último objetivo específico foi refletir sobre o comportamento das personagens no conto “A carne”, sendo possível a realização, através de associação da temática estudada com outras relações externas.

Durante o trabalho, verificou-se que através da análise do conto “A carne” as perspectivas da morte e do Eu foram assuntos relevantes para a construção da sociedade representada no conto, pois são temas que é possível verificar na sociedade atual.

Os objetivos elegidos para a análise, foram todos alcançados, visto que foi possível identificar a presença da morte em todas as personagens, que de forma inconsciente foi caminhando para o final, seguindo a ideia da personagem protagonista de devorar seu próprio corpo, como forma de saciar uma falta de carne, a morte se fez presente, e em algumas

personagens, como a exemplo o bailarino, pode-se notar a inquietação que o medo da morte pode causar.

Ademais, também foi possível perceber a formação do Eu em todas as personagens da narrativa, principalmente notou-se como é forte a influência do outro na nossa construção como pessoas em uma sociedade. A personagem Ansaldo, conseguiu através do poder da influência interferir na formação das demais personagens, e com base nas ações do protagonista foi possível analisar sua formação de identidade, mostrando que o Eu, se constrói através do nosso inconsciente, onde se faz presente as pulsões, junto ao nosso consciente.

Por fim, é de suma importância destacar que os pontos abordados no *corpus*: a morte e a construção do Eu se fazem presente fortemente em todo o conto, levando assim ao leitor associar esses pontos elegidos ao que Virgilio Piñera escreve. De certo modo é visível um contraponto entre a morte e o Eu.

A morte se faz presente no conto, desde o início da sua escrita, aparece de maneira inconsciente, está presente nas atitudes de cada personagem, é naquele ato de se autodestruir que conseguimos perceber a presença da morte. Podemos assim imaginar que a morte para Virgilio Piñera, o escritor do conto, não tenha uma visão de tristeza, dor e sofrimento. No conto podemos perceber que o autor não a escreve em momento algum como sinônimo de perda, mas sim, fala dela como algo vantajoso, como se fosse a busca para salvação daquele povo, possivelmente a construção de um novo Eu.

Já em relação a construção do Eu presente na narrativa, podemos mencionar uma possível visão do autor em relação a construção de identidade. A morte e o Eu se entrelaçam de maneira oposta, existindo um contraponto entre esses dois pontos. O Eu é toda nossa construção como pessoa, nossos pensamentos, ideias, ações, mas também nosso físico, e grande parte se constrói do externo, já a morte é o caminho para o final ou para um recomeço, no caso da narrativa demonstra ser uma desconstrução da carne, uma busca por um novo Eu, a carne pode representar o corpo de cada um, sua construção como ser humano.

Aqueles atos de automutilação em massa pode até representar uma possível crítica de Virgilio Piñera ao que enfrentava uma boa parte da população de Cuba. A construção de identidade no conto, possivelmente seria através da desconstrução do corpo, por meio da morte e do autocanibalismo.

Sugere-se que os estudos posteriores, especialmente da área de análise literária que possa se interessar por esse conto, busquem discutir outras temáticas além da morte e da construção do Eu, que o conto é capaz de favorecer, tais como: o preconceito contra as

mulheres, críticas a estética, o descaso das autoridades governamentais, a interferência das religiões na vida dos seus fiéis e a liberdade de expressão.

Por fim, em relação aos pontos norteadores desta pesquisa: a morte e a construção do Eu; outros campos, como a ciência, a psicologia e a psicanálise, poderão fazer uso desse trabalho para desenvolver ou aprimorar futuras pesquisas no campo das relações sociais.

REFERÊNCIAS

- ANSALDO. In: DICIONÁRIO de nomes próprios. Orlando: 7Graus Lda, 2023. Disponível em: <https://www.dicionariodenomespropios.com.br/busca.php?q=Ansaldo>. Acesso em: 15 jul.
- BARRETO, Teresa Cristófani. **O Dito e interdito de Virgilio Piñera**. Orientador: Prof. Dr. Jorge Schwartz. 1993. 314 f. Tese (Doutorado)- Departamento de letras modernas da faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, Universidade de São Paulo, 1993.
- BARRETO, Teresa Cristófani. **Cronologia**. Apresentação, revista USP, São Paulo, n.45, p. 129-172, março/maio 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **O pavor da morte**. In: BAUMAN, Zygmunt 1925. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Medo líquido, Jorge Zahar editora, Rio de Janeiro, 2008, p. 35-73.
- BECKER, Ernest. **A negação da morte**. Tradução: Luís Carlos do Nascimento Silva. [S. l.]. Editora Record, 1973.
- CANDIDO, Antônio *et al.* **A Personagem de Ficção**. 2.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.
- CURY, Augusto. **A fascinante construção do Eu**: como desenvolver uma mente saudável em uma sociedade estressada. São Paulo: Editora Planeta do Brasil Ltda, 2011.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica**: para uso dos estudantes universitários. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 16, **“O Eu e o ID”**: “Autobiografia” e outros textos. Tradução: Paulo César de Souza, [S. l.]. Companhia das letras, (1923-1925).
- FREUD, Sigmund. **Escritos sobre morte e guerra**, 1915, tradução: Artur Morão. Covilhã: editora Universidade da Beira Interior, 2009.
- FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**, 1920, tradução: Renato Zwick. [S. l.]. Editora L&PM editores.
- FREUD, Sigmund. **O problema econômico do masoquismo**, 1924, tradução: Paulo César de Souza, [S. l.]. Companhia das letras, (1923-1925).
- FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. Tradução: Paulo César de Souza, [S. l.]. Companhia das letras, (1912-1914).
- GANCHHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 7.ed. [S. l.]. Editora digital Source, 2006.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Editora atlas S.A, 2002.

MORANTE, Naiara Gomes. *La decadencia espiritual ante lo carnaval en la carne, de Virgilio Piñera*. **Littera online**, departamento de letras | universidade federal do maranhão, n. 07, p. 1-11, 2014.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. 2. Ed. Mem Martins: Europa-America, Biblioteca universitária 19, 1970.

MISKULIN, Sílvia Cezar. A POLÍTICA CULTURAL NA REVOLUÇÃO CUBANA: as disputas intelectuais nos anos 1960 e 1970. **Caderno C R H**, Salvador, v. 32, n. 87, p. 537-548, Set./Dez. 2019.

MIRANDA, Caio Vitor Marques. **O conto fantástico latinoamericano do século xx no âmbito do espanhol como língua estrangeira/adicional: teoria e prática**. Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Amanda Pérez Montañez. 2016. 50 f. Tese (Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Estadual de Londrina) - Centro de Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, Londrina, 2016.

RIBAS, Jorge Luiz Teixeira. Revolução, contrarrevolução e homossexualidade em Cuba: alguns apontamentos. **Cadernos de pesquisa do CSDHIS**, Uberlândia, MG | v.31 | n.1 | p.177-197 | jan./jun. 2018 | ISSN 1981-3090.

SOUZA, Patrícia. **Religião e Comida: Como as práticas alimentares no contexto religioso auxiliam na construção do Homem**. 2014, 181 f. Dissertação (mestrado em ciências da Religião) -Pontifca Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. 7.ed. São Paulo: Digital Source, 2007.

PIÑERA, Virgilio. **Contos Frios**. Tradução: Teresa Cristófani Barretos. São Paulo: Editora Iluminuras, 1989.